

Fichamento 2 - Capítulo 2 - Ana Danielly Fernandes da Silva

Referência: Bento, M. A. S. **Branqueamento e branquitude no Brasil.** In Carone, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.). Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

- O texto pretende abordar - a branquitude a partir das ideias de branqueamento, sendo tema recorrente nos estudos sobre as relações raciais no Brasil. A autora aborda no decorrer do texto o entrelaçamento entre a dimensão subjetiva das relações raciais e outros aspectos concretos e objetivos.
- Outros aspectos que serão abordados relacionados à branquitude: 1. O medo que alimenta a projeção do branco sobre o negro; 2. Os pactos narcísicos entre os brancos; 3. Possíveis conexões entre ascensão negra e branqueamento (p. 25).
- Branqueamento no Brasil: considerado um problema do negro - o negro descontente e desconfortável com sua condição, busca identificar-se com o branco, miscigenar-se para que suas características raciais sejam diluídas (p. 25).
- Branco: não se implica quando o assunto é o processo de branqueamento. Se coloca como modelo universal de humanidade (p. 25).
- Quando se estuda detalhadamente o branqueamento, verifica-se que o mesmo foi inventado pela elite branca brasileira, apesar de que a mesma elite aponta o processo como um problema do negro brasileiro (p. 25).
- Silenciamento, distorção e omissão em torno do lugar ocupado pelo branco nas relações raciais. Não são pensadas as implicações do papel do branco nas desigualdades raciais, sendo atribuído como problema exclusivo do negro. Isso foi corroborado em pesquisas desenvolvidas pela autora desde 1994 (p. 26).
- Pacto entre os brancos: não se reconhecem como parte na perpetuação das desigualdades raciais no Brasil (p.26).
- Um dos primeiros sintomas da branquitude: não reconhecimento de que as desigualdades raciais provêm da discriminação racial (p. 27).
- Não focalizar no branco = não discutir as várias dimensões do privilégio branco (p. 27).

- A pobreza tem cor □ não basta somente discutir classe, é preciso também discutir raça (p. 27).
 - Legado da escravidão para o branco: não é discutido no país, pois a população branca saiu da escravidão com uma imagem positiva, mesmo se apropriando do trabalho escravo de pessoas negras por quatro séculos. Não discutir a implicação do branco nesse processo incide na não prestação de contas e reparação dos negros, por isso, as políticas compensatórias são denominadas de “protecionistas”, como forma de premiar a incompetência do negro (p. 27).
 - Os brancos se beneficiam simbolicamente do silêncio em torno de sua participação na escravidão. Esse silenciamento fortalece o grupo de brancos elevando a autoestima e autoconceito. Em linhas gerais, o silêncio protege os interesses do branco (p. 27, 28).
- Discriminação racial e defesa de interesses
- Motivação da discriminação racial: manutenção dos privilégios de um grupo sobre outro, mesmo que não seja intencional ou apoiado em preconceitos - Teoria da discriminação com base no interesse (p. 28).
 - A autora relata que percebe em suas pesquisas que é constrangedor o silêncio das mulheres feministas brancas em relação à condição das mulheres negras (p. 28, 29).
 - Indignação narcísica: sentimento de indignação com a violência de direitos apenas quando a violação afeta o grupo de pertença (p. 29).
 - Bento cita Denise Jodelet (1989 apud BENTO, 2014) que diz sobre a necessidade de pertencimento social que leva as pessoas a priorizar os valores democráticos e igualitários direcionados ao seu grupo, e, por outro lado, invisibilizam e toleram as injustiças que incidem em outros grupos que não se identificam. Desta forma, há a tendência para proteger o grupo de pertença e excluir os outros que não pertencem a ele (p. 29).
 - Com base no tópico anterior, Bento (2014) entende exclusão como descompromisso com o sofrimento do outro (p. 29).
 - Exclusão moral: desvalorização do outro enquanto pessoa, ser humano. Esse tipo de exclusão se manifesta nos genocídios e discriminações (p. 30).
 - Estudos das primeiras décadas do século XX - modelo de isenção da sociedade branca versus a culpabilização da população negra (p. 30).

- Conceito de narcisismo (Freud) para elucidar como o silêncio, a omissão e distorção do lugar do branco serve de componente narcísico para a autopreservação - o grupo branco se torna referência da condição humana (p. 30).
- Edward W. Said (1990 apud BENTO, 2014) estuda o olhar dos europeus sobre os não europeus. A partir de seus achados o “homem europeu” se colocou como o “homem universal” no comparativo aos não europeus (p. 31).
- São considerados como “outros” àqueles que não se enquadram no modelo europeu. No entanto, os europeus projetam sobre esses outros as mazelas que são impossíveis de assumir, pois destoam do modelo perfeito (p. 31).
- Os processos de narcisismo e projeção acima descritos, no campo das relações raciais servem para legitimar a supremacia de um grupo sobre outro, justificando assim, as desigualdades, a manutenção de privilégios e apropriação indevida de bens concretos simbólicos dos subalternos (p. 31).
- Medo - está na origem das desigualdades raciais - o medo dos brancos em relação ao grande contingente de negros no país motivou a política de branqueamento efetivada por meio da imigração europeia (AZEVEDO, 1987 apud BENTO, 2014).

- O medo do outro

- Fanon (1990 apud BENTO, 2014) fala que o medo apresentado pelo europeu diante do negro se refere ao medo da sexualidade, ou seja, em virtude da condenação à sexualidade atribuída pela igreja, o europeu a negava e projetava sobre os negros e mulheres, culminando em genocídios por muitos séculos (p. 32).
- Jean Delumeau (1989 apud BENTO, 2014) fez um estudo sobre a história do medo no ocidente, chegando à conclusão que o medo é de fácil identificação pelos historiadores, pois se expressam nos comportamentos de grupos da elite diante das pessoas desprovidas de recursos materiais. Bento (2014) cita este estudo para elucidar o medo que a elite branca brasileira – com ascendência europeia – possui dos negros (p. 33).
- As epidemias que devastaram a Europa entre os séculos XIV e XVIII estiveram envoltas de pensamentos místicos e religiosos, em que eram atribuídas aos “estrangeiros”, viajantes, marginais e mendigos as causas pela ocorrência das doenças. Desta forma, desenvolve-se um intenso medo direcionado aos mendigos, que, por sua vez, eram pessoas excluídas da sociedade por razões econômicas e culturais (p. 33).

- A condição das pessoas excluídas foi motivo para grandes revoltas que atingiram diretamente a elite europeia (p. 33).
- A Igreja na Europa foi responsável por fomentar grande violência entre os grupos de opressores e oprimidos, por meio de medos teológicos que aumentavam a angústia e estresses coletivos. Além disso, a igreja denominou como satânicos os grupos de negros, judeus, índios, mulheres e mendigos, aumentando ainda mais os ataques violentos contra eles/as (p. 34).
- A autora cita políticas implementadas no final do século XIII que determinavam severas perseguições e punições aos considerados marginais □ estatuto de 1553 e ato de 1547 (p. 34).
- Outros exemplos contemporâneos dos medos que atravessaram o mundo e culminaram em barbáries: fascismo, nazismo, tensões raciais na África do Sul e Estados Unidos (p.35).
- A elite foi responsável por incitar coletividades que se posicionaram como vítimas e justificaram suas violências atribuindo a outros, toda espécie de crimes e vícios. Suas próprias intenções eram transferidas a outrem, não as reconhecendo em si mesmos (p.35).
- Se referindo à atual realidade brasileira, Mariangela Belfiore Wanderley (1999 apud BENTO, 2014) cita outros personagens que incomodam politicamente e são considerados perigosos e ameaças sociais - os “sem”: sem-teto, sem terras (p. 35).
- Bento diz que o medo e a projeção estão na origem do processo de estigmatização de grupos. Isto, por sua vez, reforça a perpetuação das desigualdades e proposição de políticas excludentes e de genocídio (p. 35).
- O medo relatado pela autora tem uma historicidade e se manifestou também no período próximo à Abolição da Escravatura no Brasil, em decorrência do aumento dos negros nas ruas do país, pois a elite sabia que ali estavam pela apropriação violenta e indevida de quase quatro séculos de trabalho escravo para essa elite - Todo o pânico dessa elite culminou nas políticas de imigração europeia e exclusão, encarceramento e confinamento psiquiátrico dos negros (p. 36).
- A autora cita Maria Clementina Pereira Cunha (1988) que traz informações sobre a realidade de um asilo em que as mulheres internas eram quase todas negras e tinham suas características raciais atreladas aos diagnósticos atribuídos a elas (p. 36).

- A autora também cita Jurandir Costa que ao analisar a psiquiatria no Brasil pós abolição a denomina como racista, moralista, xenófoba e com intenções de imobilizar um povo específico. Psiquiatria pautada na antropologia criminal de Lombroso (as proporções do corpo são o espelho da alma) (p. 36).
- Práticas da psiquiatria do século XIX influenciaram as bases da psicologia presentes até os dias de hoje: existência de distúrbios ou deficiências em pessoas que vivem em desvantagem; defesa da esterilização dos degenerados (negros, alcólatras, tuberculosos, sífilíticos, loucos, infratores, etc.) (p. 37).
- Lilia Moritz Schwarcz (1993) - a autora diz que os cientistas sociais precisam explicar o impasse na história ao se referirem ao Brasil como um país majoritariamente de negros e mestiços e, ao mesmo tempo, se aproximar de um ideal Europeu com pessoas consideradas não civilizadas. A mesma autora discorre que pairava a ideia de que os brancos assimilariam os negros e o país embranqueceria (p. 37).

- Projetar e assimilar

- Bento associa a ideia de assimilação defendida pela elite branca ao que Freud chamou de “amor canibal”, pressupondo incorporar e devorar o outro (p. 38).
- Bento também lança mão do conceito de “ódio narcísico” direcionado a outros grupos, explicado por Adorno e Horkheimer (1985). Segundo os autores, a paranoia pautada nas defesas primitivas expulsa tudo o que representa ameaça a autopreservação egoica. Também discutem o conceito de “falsa projeção” que pressupõe a projeção na “vítima em potencial” de impulsos hostis que o sujeito não admite como seus (p. 38).
- A autora associa que a representação de outrem como arauto do mal foi utilizada em diversos países como pretexto para atos racistas, direcionando a agressividade a outra raça que seria sentida como ameaça. É uma paranoia de quem está no poder e tem medo de perder seus privilégios, projetando assim, o medo e se transformando em caçador (p.38).
- Bento cita as pesquisas de Octavio Ianni (1972), Fúlvia Rosemberg (1985), Ana Célia da Silva (1991), dentre outros que apresentam como resultados de seus estudos que na comunicação visual o negro aparece estigmatizado, depreciado, desumanizado, adjetivado pejorativamente, associado a figuras demoníacas (p. 38).

- Franz Fanon (1980) - desenvolve estudos que demonstram a projeção na construção do preconceito racial do branco contra o negro. O autor diz que o negro representa o perigo biológico e o judeu, o perigo intelectual. Em representações associadas à sexualidade, o negro aparece como especialista, “quem diz estupro, diz negro” (p. 39).
- Sartre fala sobre a sexualidade do negro (fertilidade das minorias) e utiliza o que Adorno e Horkheimer chamaram de falsas projeções. O grande quantitativo de negros no início do século poderia “engolir” os brancos (p. 39).
- Bento diz que para melhor compreensão da branquitude e branqueamento é importante entender a projeção do branco sobre o negro “nascida do medo, cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios” (p. 39).
- Ódio narcísico está na base das relações raciais hierarquizadas, ou seja, no amor narcísico, ama-se aquilo que lhe é semelhante e, no ódio narcísico, odeia-se aquilo que lhe é diferente (p. 40).
- Projeção patológica ou falsa projeção (psicanálise) - projeta-se impulsos socialmente condenáveis do sujeito para o objeto, ou seja, se uma pessoa tem a intenção de atacar, ela afirma que alguém quer atacá-la (p. 41).

- Narcisismo e brancura

- Bento inicia o tópico retomando que quando se fala sobre a problemática racial brasileira, os estudos referem como se fosse um “problema do negro brasileiro”, como se as desigualdades fossem em decorrência da escravidão e o negro aparece com inúmeros estereótipos negativos. Por outro lado, o branco não se implica e não aparece nas discussões, perpetuando o silenciamento guardião de seus privilégios (p. 41).
- Estudiosos/ pesquisadores progressistas não conseguem perceber e colocar nas pautas o seu grupo racial, estudando e apontando apenas o “outro” negro, demonstrando completa alienação da história de 400 anos escravizando negros (p. 42).
- Edith Piza (1998) apontada por Bento como uma das poucas estudiosas brancas brasileiras que se dedicou ao estudo dos brancos. Segundo Piza, o branco não precisa pensar sobre o significado de ser branco, pois a branquitude lhe garante esse privilégio (p. 42).

- Bento cita Tatum (1992), psicóloga norte-americana negra, que afirma a negação dos brancos em relação a qualquer preconceito pessoal, no entanto, reconhecem as consequências do racismo para a vida dos negros, mas não reconhecem os impactos do racismo sobre suas próprias vidas, ou seja, sobre os privilégios que isso lhe confere (p.43).
- Janet Helms (1990) também é citada por Bento e aponta a possibilidade de uma identidade racial branca não racista. Para tanto, a pessoa precisa aceitar sua branquitude, assim como as implicações políticas, socioeconômicas e culturais de ser branca, delimitando “uma visão de eu como um ser racial” (p. 43).
- 6 estágios do modelo de desenvolvimento da identidade racial branca propostos por Helms (1990): 1) contato; 2) desintegração; 3) reintegração; 4) falsa independência; 5) imersão/emersão; 6) autonomia (p. 43, 44).

- Pactos narcísicos

- Bento cita René Kaes (1997) que problematiza o silenciamento em relação a herança da escravidão para os brancos. O autor cita Freud ao defender que nada pode ser abolido sem que apareça, ou seja, por mais que os brancos não queiram falar sobre esse tema, ele emerge quando menos se espera. Além disso, o autor destaca que há uma transmissão intergeracional dos conteúdos inconscientes, como se houvesse um “recalcamento coletivo de um ato transgressivo cometido em comum, a hipótese de uma psique de massa, ou ainda a alma de grupo” (p. 45).
- Hasenbalg fala do “acordo tácito” - não falar sobre o racismo e considerar como um problema do negro as desigualdades raciais (p. 46).
- Privilégio - pouco discutido e transformado num discurso de mérito e competência que justifica a posição privilegiada (p. 46).
- Por fim, Kaes mostra que os produtos do recalque e os conteúdos recalcados são constituídos por alianças, pactos e contratos que ligam os sujeitos de um grupo para o resguardo de seus interesses (p. 46).

- Branqueamento e identidade nacional

- Bento retoma alguns pontos discutidos no decorrer do ensaio e enfatiza a discussão que o problema do branqueamento nasce no interior da elite branca brasileira com o objetivo de extinguir os negros do país (p. 47).

- Vários estudiosos se referiam ao Brasil como um país composto por raças miscigenadas, porém, em transição, com vistas a se tornar um país branco como consequência do cruzamento entre as raças - visão presente na ciência, nas artes, nas pesquisas, na imprensa (p. 47).
- Freyre vê a mestiçagem como estratégia positiva para o embranquecimento e nega o preconceito e a discriminação, alegando que os negros e mestiços são os próprios culpados por seus insucessos - Freyre mune a elite branca de argumentos para perpetuar seus privilégios. Os escritos do autor elucidam o sucesso do mito da democracia racial brasileira (p. 48).
- 1940 - o branqueamento passa a ter outra conotação - surgimento de estudiosos na USP sobre as relações raciais no Brasil (Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Roger Bastide) - Escola paulista (p. 48).
- Apesar da importância dos estudos e escritos de Florestan Fernandes para as discussões em torno das relações raciais, o autor trata de forma simplista o lugar que o branco ocupa. Apesar de não concordar com a noção de inferioridade do negro, ao defender que a escravidão deformou o negro, o autor acaba por atribuir ao negro a inferioridade (p. 48, 49).
- Nina Rodrigues (1894) defendeu a ideia de que o negro era inferior e, por isso, foi escravizado (p. 49).
- Estudos posteriores demonstraram que a mão de obra importada da Europa tinha o mesmo preparo que os negros que já se encontravam no país (p. 50).
- Outro ponto destacado nos escritos de Fernandes é que as tentativas de inclusão e ascensão dos negros eram provenientes do desejo de embranquecer (p. 50).
- Octavio Ianni (1972) diz que diversas formas de ascensão do negro são consideradas tentativas de branqueamento - vestir-se como brancos, inserir-se em grupos fechados de brancos, etc. (p. 51).
- A perspectiva dos estudiosos da escola paulista demonstra que o branqueamento foi legitimado como um problema do negro brasileiro. O branqueamento foi associado ao desejo do negro ascender socialmente (p. 52).
- Bento ressalta que o problema da perda da identidade negra também é um problema de perda da nacionalidade (p. 52).

- O estudo de Bento (1992) demonstra que quanto mais o negro ascende, mais ele incomoda (p.52).
- Estudo do Inspir (Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial) - quanto mais escolaridade do negro, mais a discriminação se evidencia nas desigualdades de remuneração entre negros e brancos □ negro fora do lugar (p. 53).
 - Do lugar de onde se fala
- Bento destaca que estudos que se apoiam no ponto de vista dos colonizadores tendem a ocultar as razões e interesses dos brancos, deturpando as consequências de suas ações e atribuindo aos colonizados a culpa e condenação (p. 53).
- Bento cita Montánhez que orienta a partir de outro lugar, ou seja, não optar pelo lugar do pai europeu, e sim, pelo da mãe índia e negra, buscando apreender o olhar do colonizado, dominado e não do dominador (p. 54).
- Neuza Souza Santos (1983) revela os impactos da ideologia do branqueamento na personalidade do negro. Sob esta perspectiva, o branqueamento aparece como a construção de uma identidade branca que o negro foi coagido a incorporar para sua ascensão social - grande sofrimento do negro no processo de ascensão (p. 53).
- Repercussões do branqueamento na população negra - dificuldades de identificação racial, baixa autoestima, desmobilização entre os negros para a luta contra a discriminação racial (p.54).
- Branqueamento X perda de identidade (p. 54).